

# ENSINO DA LÍNGUA INGLESA: PRONÚNCIA E ORTOGRAFIA NA SALA DE AULA

Rosana de Oliveira Prado dos Santos - bolsista PIBIC UEMS, e-mail:

[pastora\\_roseprado@hotmail.com](mailto:pastora_roseprado@hotmail.com)

Otília Aparecida Tupan Schoenherr – orientadora, e-mail: [otilia@uems.br](mailto:otilia@uems.br)

## RESUMO

O objetivo deste artigo foi compreender as causas das dificuldades no aprendizado da pronúncia e ortografia da língua inglesa com base em estudos bibliográficos assim como sugerir formas de superar estas dificuldades. A hipótese que norteou este estudo foi a crença que o Alfabeto Fonético Internacional e a transcrição fonética seriam instrumentos expressivos para facilitar a aprendizagem da pronúncia da língua inglesa. Inicialmente, fez-se estudo da origem da língua inglesa e respectiva evolução histórica perpassando pelos períodos *Old English*, *Middle English*, *Modern English* e pela *Great Vowel Shift*. Além disso, mencionou-se o aparelho fonador e discutiu-se o uso da transcrição fonética através do Alfabeto Fonético Internacional como instrumentos facilitadores da aprendizagem da língua inglesa no que se refere à pronúncia. Os resultados desta pesquisa sugerem que o empréstimo de vocabulários ocorrido na evolução da língua inglesa e a Grande Mudança das Vogais são as causas do distanciamento existente entre a pronúncia e a escrita desta língua e que estes instrumentos de apoio podem ajudar a superar as dificuldades encontradas pelo aprendiz em relação a pronúncia, principalmente para o aluno que tem dificuldade no aprendizado.

PALAVRAS CHAVE: Aprendizado; Fonética; Transcrição.

## ABSTRACT

The purpose of this article was to understand the causes of the students' difficulty in the learning of the pronunciation and orthography of the English language based on bibliographical studies as well to suggest how to overcome these difficulties. It was hypothesized that the International Phonetic Alphabet - IPA and phonetic transcription are expressive factors to facilitate the learning of the pronunciation of English language. Initially, the origin and respective historical evolution of the language through the study of the periods Old English, Middle English, Modern English and the Great Vowel Shift, was done. Besides that, the fonador system was mentioned and was discussed the use of the phonetic transcription through the International Phonetic Alphabet as instruments that facilitate the learning of the English language pronunciation. The results of this research suggest that the loan of vocabulary occurred during its evolution and the Great Vowel shift are the causes of the distance between the pronunciation and orthography of this language, so these instruments of support can help to overcome the difficulties of the learner concerning the pronunciation mainly for the student who has difficulty.

Key-words: Learning; Phonetic; Transcription.

## INTRODUÇÃO

Ao falarmos na aprendizagem da Língua Inglesa, precisamos analisar o que significa aprender inglês, o que nos levará a duas situações distintas: aquisição e aprendizagem. Segundo Krashen (1982, p.10), aquisição é o desenvolvimento da habilidade funcional é um processo semelhante ao modo como as crianças desenvolvem a capacidade que têm em sua primeira língua. Naturalmente, desenvolve-se muito mais a habilidade dos ouvidos do que dos olhos, num processo de assimilação que produz a prática comunicativa, de forma criativa. É o fruto de convívio em situações reais de interação em ambientes da cultura estrangeira. Já a aprendizagem, busca conhecer a estrutura da língua, como formar frases, trabalhar no sistema de um plano didático predeterminado, memorizar vocabulários e expressões. O pensamento permanece estruturado nas formas da língua materna e o esforço é todo dirigido a traduzir rapidamente.

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos estudantes desta segunda língua é a questão da oralidade, pois não pronunciamos da mesma forma que escrevemos. Godoy; Gontow; Marcelino (2006, p. 26-27), destacam que a mesma escrita pode corresponder a vários sons diferentes, por exemplo: **bough** /au/, **through** /u:/, **although** /əu/, **bought** / bO:t/, **cough** /Of/, **enough** /çf/, etc. Observamos, com isto, que a interligação entre a ortografia e a pronúncia existente no idioma inglês é visivelmente irregular no âmbito das vogais, o mesmo grafema (letra) não corresponde sempre ao mesmo fonema (som), isto é, não tem sempre a mesma pronúncia, o que o torna diferente da escrita. Assim sendo, entendemos que não é apenas a pronúncia que se torna difícil para os estudantes de inglês, mas também a ortografia.

Estudos de pronúncia são, portanto, necessários, pois, de acordo com Schumacher (2002, p.19), embora a língua como a usamos seja um todo, sem divisões, para fins de aprendizagem ela pode ser dividida nas partes que a constituem. Podemos dizer que a língua tem três grandes divisões ou aspectos com os quais, o aprendiz se depara: Estrutura, Vocabulário e **Pronúncia** (Grifo nosso).

Na maioria das vezes, estudamos a estrutura, memorizamos vocabulários, mas pouco ou quase nada sabemos acerca da pronúncia. Assim sendo, este trabalho consiste em abordar os

---

<sup>1</sup> Bolsista – PIBIC/UEMS: Rosana de Oliveira Prado dos Santos  
12, Cep: 79.804-970 e-mail : [pastora\\_roseprado@hotmail.com](mailto:pastora_roseprado@hotmail.com)  
Orientadora: Profa. MSc. Otília Aparecida Tupan Schoenherr. [otilia@uems.br](mailto:otilia@uems.br)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -Cidade Universitária de Dourados – Rodovia Dourados/Itaum Km

possíveis mecanismos de interligação entre fonética e ortografia no aprendizado da Língua Inglesa, com vistas a compreender o distanciamento entre a oralidade e a escrita do idioma em foco.

A escolha do tema proposto surgiu após dois anos de convivência com nativos do idioma em foco e depois de observar as dificuldades dos estudantes no aprendizado da pronúncia e da escrita da língua inglesa.

Dentro deste contexto, acredita-se que o International Phonetic Alphabet – IPA e a transcrição fonética podem servir de instrumentos fundamentais que venham facilitar a aprendizagem da pronúncia do idioma em foco.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

- Compreender as causas das dificuldades no aprendizado da pronúncia e ortografia da língua inglesa com base em estudos bibliográficos, assim como sugerir formas de superar estas dificuldades.

### **Objetivos Específicos**

- Pesquisar a evolução da língua inglesa com vistas a compreender seu distanciamento entre a oralidade e a escrita;
- Examinar os mecanismos de interligação entre ortografia e fonética no aprendizado da língua inglesa.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa perpassam por etapas as quais são elencadas a seguir: levantamento do referencial bibliográfico; leitura bibliográfica; fichamento dos livros, artigos etc; análise dos dados coletados e elaboração do relatório.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

### **1. Um olhar na evolução da pronúncia e ortografia da língua inglesa**

Este capítulo apresenta uma síntese da história da língua inglesa abordando sua origem, as influências recebidas de outros idiomas e as fases *Old English*, *Middle English*, *Modern English*, além da *The Great Vowel Shift*

Ao estudarmos o surgimento e desenvolvimento da língua inglesa, observamos que ela possui uma estranha mistura de grafias (três ou quatro consoantes sequenciais em uma única palavra) e forma de pronúncias muito curiosa e, por vezes, até contraditória. Isto se deve ao fato de que a língua inglesa no decorrer de sua formação e evolução passou por uma série de transformações e influências de vários povos que de forma direta ou indireta atuaram em sua estrutura originária no decorrer dos anos.

Schumacher (2002, p.41), ao abordar as formas contraditórias da pronúncia no idioma inglês mostra-nos a importância de olharmos para a sua história e desenvolvimento desde seu início com a chegada dos indo-europeus (celtas) até tornar-se um idioma falado mundialmente.

Para Baugh e Cable (2001, p.09), a língua inglesa é tida como uma língua germânica, ou seja, pertence ao grupo de línguas ao qual o alemão, o holandês, o flamengo, o dinamarquês, o sueco e o norueguês também pertencem. E possui similaridades gramaticais e compartilha grande número de palavras com as línguas européias que são derivadas do latim, notadamente do francês, italiano, espanhol e português.

No inglês antigo conhecido como período *Old English* (500 – 1066 A.D), ocasião em que os germânicos invadiram a Grã-Bretanha, Casimiro (2005, p. 89) afirma que a Inglaterra estava dividida em sete reinos anglo-saxões e o inglês falado não era uma única língua, mas sim, uma variedade de diferentes dialetos, pois a língua era distinta de uma região para outra. Nesta fase do inglês arcaico, provavelmente, os símbolos não eram muito adequados para expressar a pronúncia, porém, a interligação entre pronúncia e ortografia era muito mais próxima do que no inglês moderno.

Depois, a invasão francesa marcou o início do período conhecido como *Middle English* (1100 – 1500). Nessa época, a influência da língua francesa, foi o elemento mais importante no que se refere ao vocabulário introduzido na língua inglesa. Este foi um período em que a língua ficou sem forma definida por causa das transformações ocorridas e desta forma, a gramática tornou-se confusa. Caracterizou-se pela perda de grande parte das palavras utilizadas no *Old English* e pela adoção de várias palavras do latim e do francês, e pela declinação dos

substantivos, adjetivos, pronomes, sintaxe e pela neutralização e perda de vogais átonas no final das palavras.

Por fim, o *Modern English* (a partir de 1500), que foi o último período da história do idioma inglês tomando emprestadas palavras de mais de vinte línguas, entre elas: escandinávia, galega, língua dos flamengos, holandesa, latina, francesa, grega, espanhola, etc. A diversidade dos dialetos caracterizaram a padronização e unificação da língua e o latim ajudou a criar as regras gramaticais. Foi nesta fase, que encontramos o registro de símbolos que não expressam nenhum som, como é o caso do “gh” da palavra “bright”.

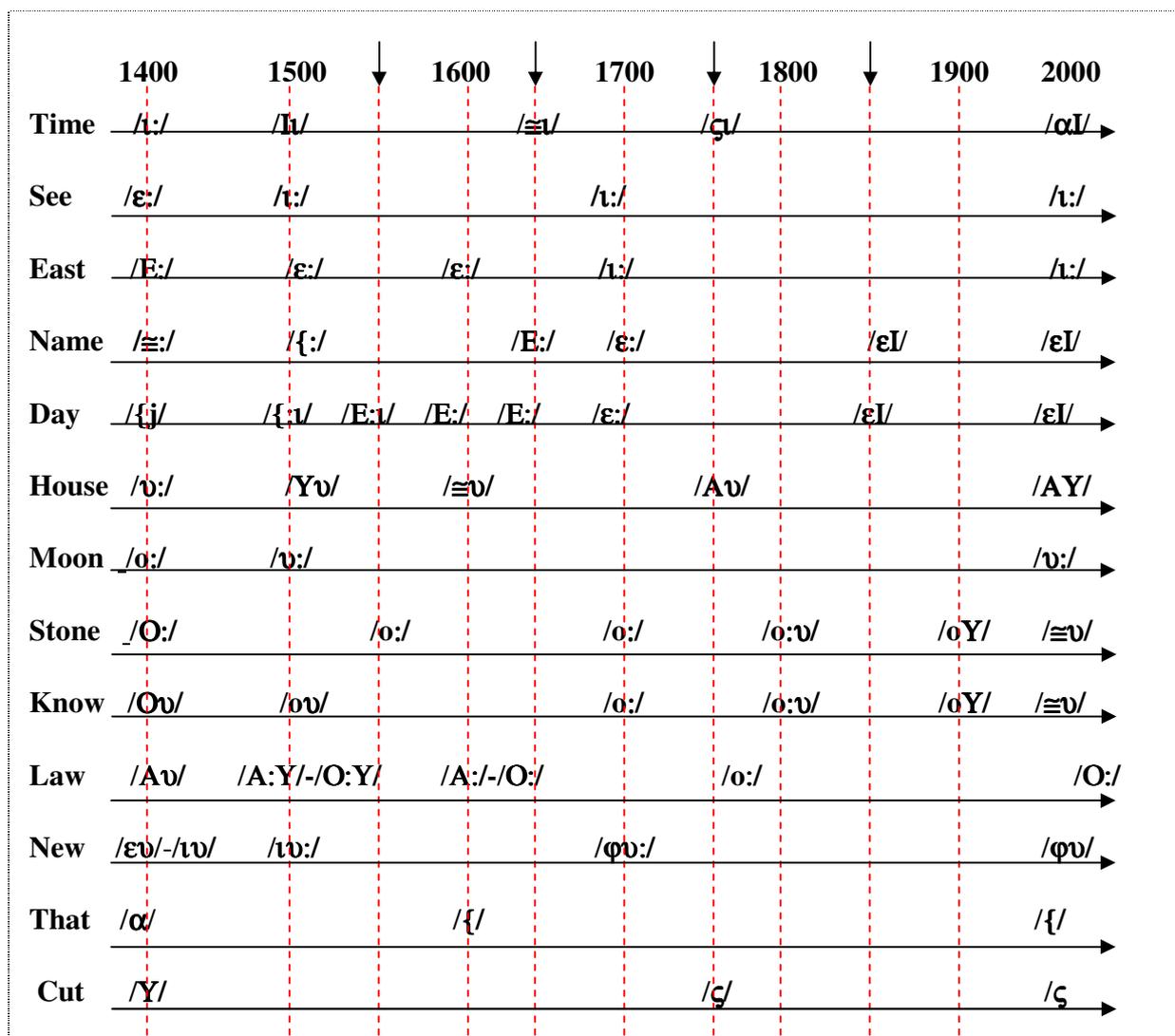
A Língua Inglesa é um idioma que não corresponde à escrita, ou seja, escrevemos de uma forma e pronunciamos de outra completamente diferente. Isto quer dizer que uma letra não corresponde ao mesmo fonema, ou seja, não tem sempre a mesma pronúncia. Porém, não foi sempre assim. Hoje, a atual falta de interligação entre ortografia e pronúncia do inglês moderno, segundo Schumacher (2002, p. 144) é em grande parte, conseqüência da *Great Vowel Shift*, que começou no *Middle English* e se estendeu até o *Modern English*. Período este, em que quase todos os sons das vogais, incluindo os ditongos, sofreram modificações, como foi também, o caso de algumas consoantes que deixaram de serem pronunciadas. Por exemplo, a palavra “name” teve mudança na pronúncia, mas não na grafia. Originalmente, “name” era pronunciado com duas sílabas, da mesma forma como que ocorre com “farmer”. Isso resultou num aumento da distância existente entre a forma escrita e a oralidade, conforme o fragmento a seguir:

The presence of many silent vowels at the ends of words like “e” in “name”, stem from the change in pronunciation but not of spelling e.g. “name” originally pronounced with two sillables like “farmer”. The outcome of this was a widening gap between what was written and how it was spoken. (SCHUMACHER , 2002, 151).<sup>2</sup>

E foi através destas mudanças que a Língua Inglesa se tornou um idioma que não corresponde à escrita, ou seja, escrevemos de uma forma e pronunciamos de outra completamente diferente. O resultado disto é que atualmente temos um sistema ortográfico baseado na língua como ela era falada no século 18, sendo usado para representar a pronúncia da língua no século 20, conforme podemos observar no quadro abaixo:

---

<sup>2</sup> A presença de vogais silenciosas no final de palavras como “e” em “name”, provem da mudança na pronúncia e não da escrita ex. “name” era originalmente pronunciada com duas sílabas como em “farmer”. O resultado disso foi a ampliação do espaço existente entre a escrita e a oralidade. (Tradução nossa.)



Fonte: Gráfico baseado no original: [http://en.wikipedia.org/wiki/Great\\_Vowel\\_Shift](http://en.wikipedia.org/wiki/Great_Vowel_Shift)

De acordo com as fundamentações teóricas apresentadas neste capítulo, entendemos o quanto é importante estudar o surgimento de uma língua, bem como, a proximidade da sua escrita com a fonética, ou seja, os sons que elas apresentavam na sua origem.

## 2. Como minimizar a distância ente pronúncia e ortografia

Neste capítulo serão abordados alguns itens, tais como: aparelho fonador, *International Phonetic Alphabet* (IPA) e o uso da transcrição fonética.

## 2.1. Aparelho Fonador

Os sons que produzimos são diferenciados através dos movimentos sincronizados de vários ossos e músculos de nossa face e garganta. Desta forma, é muito importante saber, como funciona essa movimentação sincronizada que culmina na produção dos sons das palavras. Para tanto, precisamos conhecer nosso aparelho fonador.

Segundo Schumacher (2002, p.29), o aparelho fonador é formado pela laringe, canal que passa o ar para as cordas vocais, fazendo-as vibrar ou não. Processo este, que transforma o ar em som que é direcionado para a boca ou nariz. O ar é direcionado para a boca, então, fazemos diferentes movimentos com a língua e os lábios, transformando o ar ou a vibração sonora em diferentes sons da língua falada. Isto significa que qualquer idioma possui um movimento correspondente que envolve essa estrutura.

Quando aprendemos uma segunda língua, é necessário exercitar determinados músculos de nosso aparelho fonador, que talvez, nunca tivéssemos movimentado no exercício da nossa língua materna, pois nosso aparelho fonador é automatizado aos sons da língua que crescemos falando. Aprender um segundo idioma, requer que estejamos habilitados a articular sons diferentes daqueles que não são comuns para nós desde a nossa infância. Vemos com isto, que pronunciar é também uma atividade física. E para que isto seja uma prática diária em nossas vidas, precisamos ter conhecimento de como isto funciona. Godoy (2006, p. 50) traz-nos uma definição bem sintetizada de alguns movimentos fonéticos que produzem os sons da fala:

1. Bilabial – os sons são produzidos com ambos os lábios;
2. Labiodental – os sons são produzidos com os dentes superiores e inferiores;
3. Dental – os sons são produzidos com a ponta da língua entre os dentes;
4. Alveolar – os sons são produzidos com a ponta da língua tocando na parte superior dos dentes;
5. Palatal – os sons são produzidos com a língua perto do palato duro;
6. Velar – os sons são produzidos com a língua próxima ao palato mole, também chamado velum;
7. Glotal – os sons são produzidos pelo ar passando ou parando nas cordas vocais.

Podemos observar na citação abaixo, como funciona a articulação das consoantes e vogais na produção de seus respectivos sons:

Phonemes can be divided into consonants and vowels. In the articulation of consonants, the flow of air from the lungs through the vocal apparatus is cut off or impeded. In the articulation of vowels, the flow of air from the lungs is not

impeded, but the vocal organs are used to change the shape of the oral cavity and thus make different sounds for different vowels. (ROGERS, 2000)<sup>3</sup>.

Dentro do sistema articulatório, a língua inglesa, exige uma movimentação dos órgãos da fala, especialmente a língua, significativamente diferentes. A articulação de muitos sons dentro desse idioma é difícil e transforma-se numa problemática para o aprendiz iniciante.

Verificou-se que os possíveis mecanismos de interligação entre ortografia e fonética no aprendizado da Língua Inglesa são o aparelho fonador e a transcrição fonética nos dicionários, através dos símbolos do IPA.

Observando tudo isto, descobrimos que o aprendiz da língua inglesa encontra dificuldades para reconhecer os sons que a língua produz. Assim sendo, é necessário que haja um bom professor que tenha um conhecimento fonológico detalhado dos contrastes entre a língua portuguesa e a língua inglesa, pois desta forma, ajudará o aluno a tomar consciência cedo de que os sons de um e outro idioma não são exatamente iguais e que essas diferenças podem ser relevantes no significado das palavras afetando o entendimento da pronúncia.

## 2.2 International Phonetic Alphabet (IPA)

Godoy (2006, p.08) afirma que os símbolos fonéticos, podem ser ensinados de forma leve e divertida levando o estudante da língua inglesa a verificar a pronúncia das palavras no dicionário através da transcrição fonética; promovendo assim, a sua independência na aprendizagem. E, são importantes também para demonstrar a diferença entre sons e letras.

The student-centered approach encourages peer and especially self-monitoring, an important element for self-improvement. The teacher will be a facilitator encouraging learners to be active participants in changing their pronunciation habits. Phonetic symbols are taught in a light and fun fashion to enable students to check pronunciation in the dictionary, thus promoting learners' independence. The symbols are also important in demonstrating the difference between sounds and letters. (GODOY, 2006, p.8)<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>Os fonemas podem ser divididos em consoantes e em vogais. Na articulação das consoantes, o fluxo do ar dos pulmões através do instrumento vocal é eliminado ou impedido. Na articulação das vogais, o fluxo do ar dos pulmões não é impedido, mas os órgãos vocais são usados para mudar a forma da cavidade oral e fazer assim sons diferentes para vogais diferentes. (Tradução nossa)

<sup>4</sup> A abordagem centrada no estudante encoraja o exame e especialmente o auto-monitoramento, elementos importantes para o auto aperfeiçoamento. O professor será um facilitador que incentiva os aprendizes a serem participantes ativos na mudança dos hábitos de pronúncia. Os símbolos fonéticos são ensinados de forma *light* e divertida para capacitar o aprendiz a verificar a pronúncia no dicionário, promovendo assim, sua independência. Os símbolos também são importantes para demonstrar a diferença entre sons e letras. (Tradução nossa)

O alfabeto IPA - *International Phonetic Alphabet*, é um sistema de símbolos fonéticos baseado no alfabeto latino criado pela *International Phonetic Association* (organização que promove estudos científicos sobre a fonética desde 1905), como uma forma de representação padronizada dos sons do idioma falado. Estes símbolos foram feitos para representar apenas as características da fala que podem ser distinguidas nos fonemas, na entonação e na separação de palavras e sílabas. Vários destes símbolos foram, ocasionalmente, adicionados, removidos ou modificados pela *International Phonetic Association* e estão divididos em três categorias: diacríticos (que exercem a função de especificar ainda mais esses sons básicos), supra-segmentais (que indicam velocidade, tom e acento tônico) e letras (que indicam os sons básicos). (MENZER, 2000).

#### OS SONS DAS VOGAIS

/i:/ , /I/ , /a:/ , /ɜ:/ , /u:/ , /Y/ , /O:/ , /ɔ:/ , /ɜ:/ , /ɛ/ , /ʊ≡/.

#### OS SONS DOS DITONGOS:

/eI/ , /αI/ , /OI/ , /αY/ , /≡v/ , /E≡/ , /I≡/.

#### OS SONS DAS CONSOANTES

SONORAS: /β/, /δ/, /γ/, /ω/, /Δ/, /ζ/, /Z/, /δZ/, /λ/, /p/, /φ/, /ω/, /μ/, /n/, /N/.

SURDAS: /π/, /τ/, /κ/, /φ/, /T/, /Σ/, /s/, /y/, \*/h/ - (\* tanto pode ser sonoro quanto surdo).

Para compreendermos a diferença entre a escrita e a oralidade, precisamos ter conhecimento dos símbolos do alfabeto (IPA), que foram criados especialmente para representar os sons da língua. Dentro do estudo da fonética, vamos encontrá-los representados entre barras. Uma vez que um símbolo é incluído entre as barras, já não consultamos mais a letra, propriamente dita, mas, somente ao som que este representa. Por exemplo, a primeira letra da palavra *philosophy* é 'p', mas, na junção com o "h" ou seja, "ph" tem o som de /f/. E é aqui que precisamos saber diferenciar um do outro, para que não haja confusão entre o "som" da palavra com a sua respectiva "letra".

Once a symbol is enclosed in square brackets like this, it no longer refers to the spelling, only to the sound. The first letter of *pneumonia* is *p*, but the first sound is [n]. It is common in our highly literate western world to confuse the **sounds** of words with the **spelling**. We must seek to keep these two separate from each other, because many etymological statements (which

are normally made about **sounds**) can be quite confusing if misunderstood as statements about spellings. (STOCKWELL, & MINKOVA, 2001, p.80)<sup>5</sup>

É comum o aprendiz basear a sua pronúncia na língua materna ao invés de buscá-la no modelo acústico. Assim, pensemos em alguns exemplos que o IPA nos traz para facilitar o aprendizado do estudante iniciante da língua inglesa. Grande parte da população mundial não possui na sua língua, os sons: /**T**/ e /**Δ**/ correspondente ao **th** no idioma inglês, que se pronuncia com a aplicação da língua contra os incisivos (lábiodental / fricativa). Sabemos que na língua portuguesa não existe o som de “th”. Em decorrência disto, muitas pessoas não sabem que existem dois tipos de sons distintos para o “th” na língua inglesa. Um é *voiced* (sonoro) e o outro é *voiceless* (surdo). Se o “th” é similar ao /t/ ou /s/, então é *voiceless* (surdo) /**T**/. Exemplos: thought /TOt/ (pensamento), theater /T/ (teatro), north /T/ (norte) e para pronunciar este símbolo temos que colocar a língua entre os dentes, como se soprássemos levemente. Se o “th” é similar ao /v/, /d/ ou /z/, então é *voiced* (sonoro) /**Δ**/. Exemplo: they /**ΔeI**/ (eles) either /t:Δeɪr/ (cada) , although /**Δ**/ (embora) e this /**ΔIs**/ (este) e para pronunciar este símbolo precisamos tocar a língua na parte de trás dos dentes superiores.

Outro exemplo da importância do IPA no aprendizado da língua inglesa é o som de Schwa /**≡**/ . O que vem a ser Schwa /**≡**/? Segundo Godoy (2006, p. 161), algumas pessoas definem este som, denominando-o “schwa”, nome derivado de duas palavras de origem alemã: Schwaches Ausspruch = fraca pronúncia.

An interesting feature to keep in mind is that /**≡**/ is the easiest sound to produce: if we just open our mouth a little and emit voice, we will be pronouncing /**≡**/ The mouth is in neutral position. For being so easy to produce, it is the sound we automatically make when we think, "uh..." (GODOY, 2006, p.161)<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Uma vez que um símbolo seja incluído nos colchetes como este, já não representa a letra, porém, somente ao som. A primeira letra de pneumonia é p, mas o primeiro som é [n]. É muito comum em nosso mundo ocidental confundir os sons das palavras com a letra. Devemos procurar manter estes dois separados, porque muitas indicações etimológicas (que são feitas normalmente sobre os sons), podem ser completamente desconcertantes se entendido mal como indicações sobre as letras. ( Tradução nossa).

<sup>6</sup> Uma característica interessante a manter-se em mente é que /**≡**/ é o som o mais fácil de produzir: se nós apenas abrímos nossa boca um pouquinho e emitirmos a voz, nós iremos pronunciar/**≡**/. A boca fica numa posição neutra. Por ser tão fácil produzir, é o som que nós fazemos automaticamente quando nós pensamos, o “uh”. (Tradução nossa).



Martins (2003, p.06) afirma que, embora, os alfabetos português e inglês sejam parecidos, ao tentarmos encontrar semelhança entre a letra e a pronúncia, veremos que o português é mais regular que o inglês, pois na língua portuguesa “d” sempre será pronunciado /d/ e se ao final da palavra adicionarmos “ed”, isto se transformaria numa sílaba extra que seria pronunciada como /ɪd/.

Although the Portuguese and the English alphabets are almost the same, when I try to find a pattern between spelling and pronunciation, I see that Portuguese is much more regular than English. For instance, in Portuguese the letter “d” is always pronounced as /d/; and if the “ed” were added to a Portuguese word, it would form an extra syllable which would be pronounced somewhat like /ɪd/. (MARTINS, op. cit., p. 06).<sup>7</sup>

Observando estes exemplos acima, entendemos que o alfabeto IPA pode minimizar as dificuldades encontradas pelo aluno iniciante no aprendizado da língua inglesa.

### 2.3 O uso da Transcrição Fonética

Para quem está nos primeiros passos do aprendizado da segunda língua, um dicionário bilíngüe fará toda a diferença no seu desenvolvimento, pois através dele, podemos familiarizarmo-nos com o novo idioma. Atualmente, temos ótimas opções de dicionários inglês-português no mercado. Para Bauer (2002, p.123), *“The Oxford English Dictionary is a good source of information, and consulting different British and American dictionaries, as well as specific works which address the problem, can be helpful”*.

O estudante precisa saber manusear esta ferramenta tão importante para o seu aprendizado, pois “olhar” para a palavra uma vez e memorizar o seu significado não garante o aprendizado (a memorização é válida, mas é apenas uma pequena parte do real aprendizado). É necessário um uso constante para diversificar nosso vocabulário e devido à irregularidade de pronúncia do inglês, é importantíssimo aprender a pronunciar cada nova palavra corretamente desde o início. Para tanto, devemos aprender a usar a transcrição fonética que vem entre colchetes na frente da palavra que se está consultando no dicionário, mesmo porque, na transcrição fonética

---

<sup>7</sup> Embora o alfabeto inglês e português sejam quase o mesmo, quando tento encontrar uma relação entre a escrita e a pronúncia, vejo que português é muito mais regular do o inglês. Por exemplo, em português a letra “d” é sempre pronunciada com /d/; ainda se o “ed” for adicionada a uma palavra portuguesa, ela formará sempre uma sílaba nova que será pronunciada como /ɪd/. (Tradução nossa)

também encontramos o recurso que indica o “*stress*” (sílabas mais fortes), ou seja, ao obtermos contato com a palavra, podemos escrevê-la e sublinhá-la na sílaba mais forte até absorvermos o seu real conhecimento. Por exemplo, podemos fracionar uma frase:

“That thief was arrested yesterday”

That [T{τ] ; Thief [Ti:φ] ; Was [ωOζ] ; Arrested [≅’ρEstId] ; Yesterday [‘φEst≅δI]

“*That thief was arrested yesterday*” - [T{τ Ti:φ ωOζ ≅’ρEstId ‘φEst≅δI]

O ato de agrupar as palavras em conjuntos (objetos, profissões, comida, etc), já é demonstrado em pesquisas que, indicam que nosso cérebro faz isso com nosso vocabulário desde a infância. É óbvio, que é trabalhoso e necessita muita dedicação, boa vontade e determinação, porém, é o caminho para que o estudante iniciante seja conduzido por uma boa pronúncia evitando assim os erros que em algumas ocasiões podem colocá-lo até mesmo numa situação embaraçosa. Vejamos um exemplo trazido por Godoy (2006. p.172), num acontecimento entre um estudante brasileiro e uma nativa da língua inglesa:

I was in Honolulu looking at the sea admiring the view. I have no idea why a girl slapped me in the face when I said to her:  
- What a beautiful /bItΣ/ !

Na verdade, o personagem acima mencionado, deveria ter dito: *beach* /bɪ:tΣ/ porque sua intenção era dizer: - Que linda praia! Porém, ao pronunciar /bItΣ/ ou invés de /bɪ:tΣ/ a moça sentiu-se ofendida e lançou-lhe um tapa no rosto, afinal, a pronúncia /bItΣ/ refere-se à prostituta.

Desta forma, entendemos que não basta apenas escolhermos um bom dicionário, mas também, saber manuseá-lo fazendo uso da transcrição fonética. Se encontrarmos uma palavra no dicionário e lermos em voz alta, automaticamente daremos a ela uma pronúncia aportuguesada, em decorrência da influência da língua materna. Porém, ao familiarizarmos-nos com os símbolos fonéticos da língua inglesa, passaremos a compreender sua importância para a interpretação dos sons das palavras.

Para Stirling (1960, p.44), a pronúncia muda de acordo com a tonalidade da sílaba:

a) Word Stress: significa dar ênfase à sílaba mais importante da palavra. Exemplos:

- Lament (verbo e substantivo) = /l≅’ment/ - lamento

- Lamentable (adjetivo) = /'lAmɛntəbl/ - lamentavel
- Lamentation (substantivo) = /lAmɛn'teɪʃn/ - lamentação

b) Sentence Stress: significa dar maior ênfase em uma palavra dentro de uma frase, ou seja, daremos com isto, ritmo e entonação à frase que falamos ou lemos. A seguir alguns exemplos interessantes: “*This is my book*”

- 'ΔIs Iz mAI 'bYk - (simples afirmação);
- 'ΔIs Iz mAI bYk – (ênfase: encontrei meu livro);
- ΔIs 'Iz mAI bYk (por que discutir? Você pode ver por si mesmo);
- ΔIs Iz 'mAI bYk (não é seu, nem de ninguém, é meu!);
- ΔIs Iz mAI 'bYk (não é outra coisa qualquer, mas sim meu livro).

Finocchiaro (1989, p. 95), faz referência ao *stress* afirmando que a tônica de uma palavra ou sentença é ensinada por contraste, usando identificação por diferenciação, conforme exemplo a seguir:

1. Did you go to the movies yesterday?
2. Did you go to the movies yesterday?
3. Did you go to the movies yesterday?

Hearing, identifying the difference, producing the difference, using the words in sentence which show meaning differences, and finally using the contrasting words in real speech situations are steps needed to ensure a knowledge of words in which stress is phonemic<sup>8</sup>. (FINOCCHIARO, op. cit., p. 95).

De acordo com Davies (2005, p. 02), é preciso aprender a escutar, ou seja, prestar atenção no que se está ouvindo. O ouvido precisa ser treinado aos poucos a reconhecer as mudanças de pronúncias em conversas, processo este, que não ocorre de uma hora para outra. E, é neste ponto que encontramos a importância de conhecer o nosso aparelho fonador.

Diante do exposto, entendemos que existem muitas dificuldades em se compreender a pronúncia quando não conseguimos identificar os sons que as palavras possuem, pois a conexão

<sup>8</sup> Ouvir, identificar a diferença, produzir a diferença, usar as palavras em sentença que mostram diferenças de significado, e finalmente usar palavras contrastivas em situações reais do discurso são passos necessárias para assegurar conhecimento das palavras em que a tonicidade é fonêmica. (Tradução nossa)

do vocabulário escrito é diferente quando entendemos de forma oral. Contudo, conforme visto neste capítulo há todo um mecanismo de se facilitar este processo de aprendizagem.

## **DISCUSSÃO**

Neste capítulo, são apresentadas e discutidas as fundamentações teóricas de estudiosos competentes no assunto em questão, ora citados nesta pesquisa.

Ao falarmos em aprender inglês, Krashen (1982, p.10) enfatiza que nos deparamos com duas situações distintas: aquisição e aprendizagem. Segundo ele, aquisição é o desenvolvimento da habilidade funcional, é um processo semelhante ao modo como as crianças desenvolvem a capacidade que têm em sua primeira língua. Já a aprendizagem, busca conhecer a estrutura da língua, em como formar frases, trabalhar no sistema de um plano didático predeterminado, memorizar vocabulários e expressões de forma mecânica ou repetitiva.

Na aprendizagem da língua estrangeira, processo consciente no qual o aluno se esforça, ele precisará dominar a estrutura, o vocabulário e a pronúncia do idioma. No que se refere à pronúncia da língua inglesa, Schumacher (2002, p.41), ao abordar as formas contraditórias da pronúncia no idioma inglês, fala-nos sobre a importância de olharmos para a sua história e desenvolvimento desde seu início com a chegada dos indo-europeus (celtas) até tornar-se um idioma falado mundialmente, enfatizando que a língua inglesa foi sofrendo influências e modificações ao longo de sua história.

Da mesma forma, Baugh e Cable (2001, p.02) tratam do assunto, mostrando que o idioma inglês apresenta familiaridade com as línguas germânicas e romanas. Mostram-nos também, como um idioma pode sofrer influência quanto ao vocabulário de outro, de forma direta ou indireta, através da literatura, da arte, filosofia e cultura. É que a literatura, através de sua influência e desenvolvimento foi de fundamental importância na formação e amplitude do idioma inglês quanto ao seu vocabulário, não somente através de uma linguagem coloquial, bem como, em todo o seu desenvolvimento até mesmo na forma popular.

Conforme Casimiro (2008, p.92), o *Modern English*, último período da história do idioma inglês, tomou emprestado palavras de mais de vinte línguas e essa diversidade dos dialetos caracterizaram a padronização e unificação da língua e o latim ajudou a criar as regras gramaticais.

Hoje, a atual falta de interligação entre ortografia e pronúncia do inglês moderno, segundo Schumacher (2002, p. 144) é em grande parte, consequência da *Great Vowel Shift*, que começou no *Middle English* e se estendeu até o *Modern English*. Período este, em quase todos os sons das vogais, incluindo os ditongos, sofreram modificações, como foi também, o caso de algumas consoantes que deixaram de serem pronunciadas. Porém, antes do século 15, os sons da língua inglesa, eram muito semelhantes ao das demais línguas da Europa Ocidental, inclusive do português de hoje. E foi através destas mudanças que a língua inglesa se tornou um idioma que não corresponde à escrita, ou seja, escrevemos de uma forma e pronunciamos de outra completamente diferente. . Por causa disto, torna-se necessário aprender os sons das consoantes, das vogais, dos ditongos, bem como a entonação.

Entende-se que todo este processo de transformação da língua, não ocorreu do dia para a noite, mas, foi acontecendo ao longo dos anos e passou por várias etapas até chegarmos aos dias atuais.

Nesta mesma linha de pensamento, Martins (2003, p.06) diz que “embora, os alfabetos português e inglês sejam parecidos, ao tentarmos encontrar semelhança entre a letra e a pronuncia, veremos que o português é mais regular que o inglês”. Com isto compreendemos que conhecer os mecanismos de interligação entre ortografia e pronuncia são fatores importantes no aprendizado da língua inglesa.

Da mesma forma, Davies (2005, p. 02), diz que é preciso aprender a escutar, quer dizer, prestar atenção no que está ouvindo, processar, compreender, interpretar e responder de forma apropriada, afim, de se tornarem ouvintes envolvidos e ativos.

Entende-se assim, que a compreensão oral é um processo de longo prazo, e que as dificuldades em se aprender a pronúncia da língua inglesa pode ser vencida quando compreendemos que o vocabulário escrito é diferente da oralidade.

No que se refere às dificuldades do estudante, Finocchiaro (1989, p. 93), afirma que é necessário que o aluno desenvolva as quatro habilidades do aprendizado de um idioma: ouvir, falar, ler e escrever. Sendo que no caso das duas primeiras, é necessário que o estudante empreenda esforços e dedicação para conhecer e praticar, tanto o ouvir, quanto o falar um novo idioma.

Em conformidade, Schumacher (2002, p.29), mostra que conhecer o nosso aparelho fonador é uma via de acesso importante para se aprender um segundo idioma, pois estamos

automatizados aos sons da língua que crescemos falando. E, para que haja o aprendizado de outro idioma é preciso que estejamos habilitados a articular sons diferentes daqueles que não são comuns para nós desde a nossa infância.

Fortalecendo este ponto de vista, Rogers (2000) demonstra que dentro do sistema articulatório, o falante pode produzir sons diferentes ao articular o mesmo fonema, por isso, é importante conhecer a movimentação dos órgãos da fala, especialmente a língua, que no inglês produz sons significativamente diferentes.

Somando a isto, Godoy; Gontow; Marcelino (2006, p. 08) afirmam que o caminho para que o estudante iniciante seja conduzido a uma boa pronúncia é o estudo dos símbolos fonéticos, tendo em vista que eles demonstram a diferença entre os sons e as letras.

Um outro fator de relevante importância no aprendizado da segunda língua, é saber usar um bom dicionário. Para Bauer (2002, p. 123), o dicionário “*The Oxford English*”, é uma boa fonte de busca de informações, contendo a pronúncia tanto do inglês britânico, quanto do americano.

Com este mesmo conceito, Stirling (1960, p.44) afirma que “olhar” para a palavra uma vez e memorizar o seu significado não garante o aprendizado (a memorização é válida, mas é apenas uma pequena parte do real aprendizado), temos que aprender a usar a transcrição fonética que vem entre colchetes na frente da palavra que se está consultando no dicionário, mostrando de forma simplificada através do *International Phonetic Alphabet* – IPA, como pronunciar palavras e até mesmo sentenças.

Segundo Menzer (2000), vários destes símbolos foram, ocasionalmente, adicionados, removidos ou modificados pela *International Phonetic Association* e estão divididos em três categorias: diacríticos, supra-segmentais e letras (que indicam os sons básicos). Enfatiza também que a pronúncia muda de acordo com a tonalidade da sílaba. E é aqui que vemos a importância da transcrição fonética, pois através dela conseguimos identificar o “stress” (ênfase dada à sílaba mais importante da palavra ou de uma sentença), ou seja, dar com isto, ritmo e entonação à frase que falamos ou lemos, pois cada idioma possui, neste sentido, suas próprias características.

Stockwell, & Minkova (2001, p.80) ensinam que é muito comum em nosso mundo ocidental confundir os sons das palavras com as letras. E, uma vez que um símbolo é incluído nos colchetes, já não representa a letra propriamente dita, mas, somente ao som que este se refere.

Por fim, considerando que alguns estudantes possam ter mais dificuldades em relação a outros para reconhecer os sons da língua estrangeira como realmente são, entendemos, de acordo com os teóricos mencionados nesta pesquisa, que o IPA e a transcrição fonética servem como mecanismos que podem facilitar o aprendizado do aluno, ajudando-o a tomar consciência desde cedo que os sons de um e outro idioma não são exatamente iguais, e que essas diferenças podem ser relevantes no significado, afetando a comunicação, visto que na língua inglesa não falamos da mesma forma que escrevemos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, abordou-se o tema o ensino da língua inglesa no que se refere à pronúncia e ortografia, que surgiu após dois anos de convivência com nativos do idioma em foco e depois de observar as dificuldades dos estudantes brasileiros no aprendizado da pronúncia e da escrita da língua inglesa.

A hipótese que norteou este estudo foi a crença que o IPA e a transcrição fonética seriam instrumentos fundamentais para facilitar a aprendizagem da pronúncia da língua inglesa por alunos brasileiros. Fortalecida por esta crença, a pesquisadora procurou compreender as causas das dificuldades encontradas pelos estudantes brasileiros na aprendizagem da pronúncia e da ortografia.

Constatou-se através da história de sua evolução, que a língua inglesa sofreu influência de variados idiomas e que agregou muito dos respectivos vocabulários em decorrência das diversas invasões sofridas pelo povo britânico; fato que contribuiu para ausência de correlação entre a oralidade e o registro de muitas palavras deste idioma.

Conforme relatado nos períodos *Old English*, *Middle English* e *Modern English*, entende-se que antes do século XV o sistema de sons vogais da língua inglesa era muito semelhante ao das demais línguas da Europa Ocidental, ou seja, a escrita correspondia a pronúncia. Porém, entre os períodos *Middle English* e *Modern English*, aconteceu a *Great Vowel Shift* que foi um marco de transição entre esses dois períodos e que resultou na atual falta de interligação entre a ortografia e a pronúncia do inglês moderno. Verificou-se que durante a ocorrência da *Great Vowel Shift* quase todos os sons das vogais, incluindo os ditongos, sofreram modificações, como foi também, o caso de algumas consoantes que deixaram de serem pronunciadas. Isso resultou no distanciamento existente entre a forma escrita e a oralidade conforme se vê nos dias atuais.

Em consonância com os teóricos ora citados neste trabalho, os resultados sugerem que a hipótese que motivou esta pesquisa era coerente. Confirma-se, portanto ao compreender as causas das dificuldades do aluno no que se refere a pronúncia que o IPA e a transcrição fonética são realmente instrumentos de apoio que podem ajudar a superar as dificuldades encontradas pelo aprendiz em relação à pronúncia da língua inglesa, principalmente para o aluno que tem mais dificuldades no aprendizado.

Com base no exposto, para que o aprendiz consiga minimizar suas dificuldades na aprendizagem da língua quanto à oralidade, um dos caminhos a ser percorrido é conscientizá-lo que no inglês pronunciamos sons distintos da língua materna e adotar a transcrição fonética, através do IPA, como práticas que nortearão o estudante a reduzir este distanciamento da escrita com a oralidade.

Cabe mencionar ainda, que é de suma importância, que o professor não nativo e que também não teve contato com nativos da língua, adquira conhecimento da inconsistência entre oralidade e escrita da língua inglesa, bem como, conhecimento do aparelho fonador e seu funcionamento, afim de que possa desenvolver estratégias didáticas que contribuam para diminuir as dificuldades na interferência da escrita sobre a pronúncia ou vice versa. Isto fará com que o aluno tenha consciência desde cedo de que os sons de um e outro idioma não são exatamente iguais, e que essas diferenças, que não são transparentes, podem ser relevantes no significado, afetando a comunicação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, pela concessão de apoio financeiro para a realização deste trabalho e pela grande motivação concedida aos seus acadêmicos na área de pesquisa científica.

## **BIBLIOGRAFIA**

Bauer L.. 2002. **An Introduction to International Varieties of English**. United Kingdom, Edinburgh University Press Ltd., p. 123.

Baugh, A. C., Cable, T.A. 2002. **A History of the English Language**. Pennsylvania: Routledge, p. 02- 09.

Casimiro, G. S. 2005. Tendências Contemporâneas em Letras. In: Anastácio, E. B. A., Malheiros, M.R. T., Figliolini, M.C.R. (Orgs). **A História da Língua Inglesa**. Campo Grande, UNIDERP, p. 87 – 99.

Davies, B. 2005. **Como entender o inglês falado**. Rio de Janeiro: Elsevier, p.02.

Finocchiaro, M. 1989. **English as a Second/Foreign Language – From Theory to Practice**. Englewood Cliffs, New Jersey, p. 93-95.

Godoy, S.; Gontow, C.; Marcelino, M. 2006. **English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English**. São Paulo, Disal Editora, , p.287.

Godoy, S., Gontow, C., Marcelino, M. 2007. “Are You a Pronunciation wiz?”. **Disal-New Routes**, n. 31, p 26-27.

Krashen, S. 1982. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Pergamon Press – Oxford, NY, p.10.

Martins, C. 2003. Teaching the Pronunciation of –ed through Communicative Activities. **Braz-Tesol NewsLetter**, p.06-08.

Menzer, M. J. 2000. **What is The Great Vowel Shift?** Disponível em: <http://facweb.furman.edu/~mmenzer/gvs>. (último acesso em 25.11.2008)

Rogers, W.E. 2001. **The History of English Phonemes**. Disponível em: <http://facweb.furman.edu/~wrogers/phonemes> (último acesso em: 29.11.2008).

Schumacher, C., WHITE, P., Zanettini M. 2002. **Guia de pronúncia para brasileiros**. Rio de Janeiro, Elsevier, p. 29, 41, 241-244.

Stirling, W. F. 1970. **An Introduction to English Phonetic for Spanish - speaking students**. London, Oxford University Press., p. 44.

Stockwell, R., Minkova, D. 2001. **English Words: History and Structure**. New York, Cambridge University Press, p.221.

Wikipédia, a enciclopédia livre online. **International Phonetic Alphabet**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_fon%C3%A9tico\\_internacional](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fon%C3%A9tico_internacional). (último acesso em 14.11.2008).